

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara
CAMÕES, e, VII e 14

Diretor Presidente Paulo Cabral de Araújo	Diretor Vice-Presidente Ari Cunha	Diretor Gerente Evaristo de Oliveira
Diretor de Redação Luiz Adolfo Pinheiro	Diretor Comercial Maurício Dinepi	Diretor Industrial Osvaldo Abílio Braga
Editor Chefe Jota Alcides	Diretor de Marketing Márcio Cotrim	Diretor de Planejamento João Augusto Cabral

Confiança

O hábito de proclamar crises a cada semana parece estar se enraizando entre os homens públicos, os quais sempre encontram platéia atenta entre alguns crédulos líderes da produção e patriotas desprevenidos de todos os setores da vida brasileira. E o mais espantoso é que os veículos de comunicação, em sua maioria, não se dão conta de que o alardear de catástrofes só desserve ao interesse Nacional, ao qual estão associados os empresários mais atuantes, inclusive alguns da área de comunicação, por permitirem cabeçalhos ruidosos sobre informações que não se justificam pelo teor ou pela importância social.

O Brasil pode apresentar um crescimento industrial de 11,3 por cento no primeiro semestre deste ano. Até mesmo diante da evidência destes números, há as cassandras de plantão que não aceitam estes dados como verazes e preferem lidar com outros algarismos, de sinal negativo e conducentes ao desespero ou à apatia generalizada.

Se os críticos pessimistas não têm condescendência com o desempenho dos grandes estados — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul — que dirá das marcas atingidas pelo Distrito Federal, caracterizado formalmente como unidade administrativa, sede do poder e das grandes decisões da República?

O clichê maligno em relação ao DF, ou mais propriamente, à respeito de Brasília estampa-se com a tendência de reduzir a cidade a um amontoado de repartições públicas, povoadas por burocratas ineficientes e egocêntricos, mais preocupados com seus contracheques do que com os destinos do País ou o bem-estar de seu povo. Tal injustiça, lastreada em antigos preconceitos, está sendo corrigida com a divulgação recente de algumas marcas conquistadas pelos setores econômicos da capital, da indústria de construção civil às mais sofisticadas empresas de produção de serviços gerais de informática.

A Brasília produtiva, geradora de bens e de serviços, não está no mapa dos

derrotistas, que preferem ligá-la aos escândalos, às crises, às faustosas mansões ou aos desatinos cometidos por cidadãos graduados, que chegam ao fastígio do poder graças ao voto popular. Por amor à exatidão, convém registrar que a maioria das irregularidades cometidas por homens públicos atuantes em Brasília devem ser debitadas a cidadãos oriundos de outros estados e territórios federais, que aqui chegaram pelo triunfo nas urnas ou a convite dos que se instalaram nos diversos redutos dos Três Poderes.

Em Brasília, pode-se dizer, sem receio de cometer arroubos retóricos, que se planta e se colhe confiança. E tal atitude é verificada nas suas indústrias incipientes e naquelas que já atingiram marcas e padrões internacionais, como a indústria de construção civil. A Encol, uma empresa com sede em Brasília, espera faturar este ano um bilhão e 300 milhões de dólares. Assinale-se que, com 372 empreendimentos disseminados em 36 praças, a Encol tem em Brasília 72 empreendimentos em marcha, apesar de todo o ambiente recessivo que ameaça, em algumas regiões, paralisar o fluxo de construções.

Há outros empreendimentos em ritmo veloz, como a da construção de uma nova fábrica de Coca-Cola no DF, que resultará na criação de mil e 200 empregos diretos e uma receita estimada em 500 mil dólares por mês. Fastidioso seria o divulgar o elenco de iniciativas empresariais em vias de conclusão e o dos projetos ainda submetidos a análises e avaliações, para posterior desdobramento prático.

Por último, para descoroçar de vez os pessimistas, registre-se que o governo Roriz tem sido compreensivo em suas ações de estímulo às forças produtivas, para as quais confiança é a matéria-prima indispensável, mormente quando o desânimo se abate sobre as cabeças dos líderes da produção. Para estes, o entusiasmo e a crença nos valores da livre-empresa são superiores aos demônios assustadores libertados pela recessão ameaçadora ou pela inflação voraz.